

# A memória negra do Quilombo Saracura: lutas pelos comuns frente as práticas de planejamento territorial da cidade de São Paulo



Claudia Alexandre\*



Newton Massafumi Yamato\*\*



Marcelo Aversa\*\*\*

\*Jornalista em São Paulo;

\*\*Professor de Arquitetura na Escola da Cidade;

\*\*\*Pós-doutorando IEE/USP.

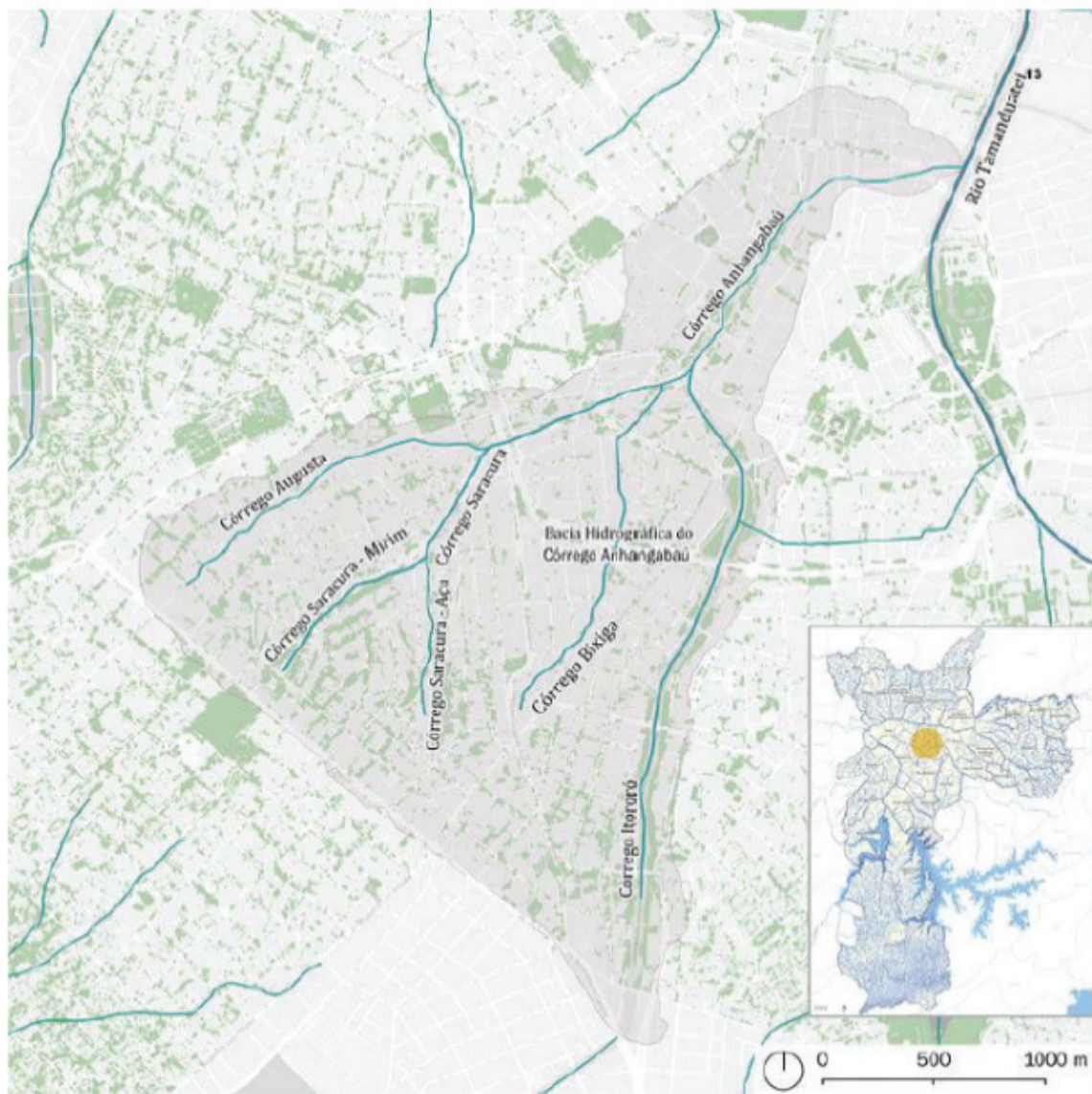
**Palavras-chave:** memória negra; planejamento territorial; comum; Bixiga.

**Resumo:** A historiografia paulistana moldou a região do Bixiga de forma a apagar os trajetos da ocupação de famílias negras, que tinham o Rio Saracura como elemento central de sobrevivência e de práticas tradicionais. Entre os vários coletivos e movimentos sociais existentes no Bixiga, é possível discutir como as práticas discursivas do “Mobiliza Estação Saracura Vai-Vai” se apresentam conforme um agir comum em defesa do patrimônio cultural negro deste território, de maneira a se associar às reivindicações históricas por um planejamento urbano que viabilize a permanência da população afrodescendente, a paisagem das grotas do Saracura e a implantação de infraestruturas que não invisibilizem a memória negra do Bixiga.

O território do Bixiga pode ser compreendido pela Bacia Hidrográfica do Rio Anhangabaú formada pelos Córregos Bixiga, Itororó, Saracura Açu e Saracura Mirim, com nascentes no espigão central da cidade de São Paulo, também denominado Caaguaçu (Mata Grande) pelos indígenas, antes de se tornar a Avenida Paulista (Figura 1). Nesta alta colina, importante divisor de águas, há inúmeras nascentes e córregos tamponados desde o final do século XIX, que vertem em direção aos rios Pinheiros e Tietê.

Frente ao processo de gentrificação provocado pelas políticas de planejamento territorial, que cederam às pressões de incorporadoras em busca de empreendimentos em áreas de alto valor da terra, este artigo destaca as práticas discursivas do Movimento “Mobiliza Estação Saracura Vai-Vai”, ao realizarem ações voltadas à defesa da memória negra do Bixiga e do Rio Saracura.

A correlação de forças que se estabelece na paisagem e na cultura do território negro do Bixiga é compreendida como um processo de constituição do comum em relação às lutas e práticas pelo planejamento do território, que resultam de um agir comum por aquilo



**Fig. 1.** Bacia do córrego Anhangabaú, formado pelos córregos Itororó, Bixiga, Saracura-açu, Saracura mirim, Augusta e Anhangabaú. Fonte: Yamato (2023, p. 34).

que é indisponível e inapropriável (Dardot; Laval, 2017, p. 252). Pelo menos dois principais caminhos para o planejamento territorial se cruzam na correlação de forças entre, de um lado, as ações do poder público e dos proprietários de imóveis e incorporadoras e, de outro, as contracondutas desses movimentos sociais. Este artigo concebe e analisa os conflitos territoriais por meio de uma abordagem crítica sobre as formas de apropriação da natureza, dos espaços públicos e das propriedades públicas pela ordem dominante da sociedade neoliberal (idem, p. 60). Assim, pode-se conceber os novos ‘comuns’ como alternativas concretas à abstração do direito de propriedade para além das definições do que seja exclusivamente a propriedade pública e a propriedade privada (idem, p. 245).

São lutas cujos sentidos comuns cruzam as práticas neoliberais de mercantilização da terra e de apagamento das memórias tradicionais e comunitárias deste território. Tais saberes formam o discurso nas frestas da hegemonia mercantil do território, não somente como um caminho “alternativo”, mas também como reposicionamento estratégico, aberto as possibilidades, daquilo que foi negado historicamente, razão pela qual é um discurso decolonial (Rufino, 2019, p. 54).

## Memória negra do Bixiga

O bairro do Bixiga ocupa um território na cidade de São Paulo que está em constante disputa desde o final do século XIX, quando começam os registros de habitação humana por ali. Local descrito como esconderijo e passagem de negros e negras que se abrigavam nas matas densas, baixadas e ladeiras, no período da escravização para ganharem a liberdade, se embrenhando em direção às cidades litorâneas, sempre teve como referência o rio Saracura.

Com as proximidades da abolição da escravatura em 1888, o lugar passou a abrigar o Quilombo do Saracura, o mais antigo (talvez o único), e desprezado espaço de sociabilidade negra da formação social da cidade de São Paulo. Porém, até hoje, a memória oficial tem como marco a imigração italiana, soterrando, assim, memórias indígenas, negras e, até mesmo, da ocupação portuguesa. Os primeiros loteamentos da área semirural, em meados do século XVI, abrigava sítios e chácaras de propriedade de portugueses como Antônio Pinto, que comprou a Chácara das Jabuticabeiras (antigo Sítio Capão), que foi adquirida por Antônio Bexiga, em 1820, muito lembrado por ter inspirado o nome do bairro, devido as marcas no rosto deixadas pela varíola. A chácara do Bexiga foi a primeira ser loteada e vendida para italianos que só começaram a chegar por a partir de 1886, vindos majoritariamente da região sul da Itália, como os calabreses devotos de Nossa Senhora Achiropita.

O Bixiga negro. O distrito da Bela Vista, transformado em Bixiga pelos imigrantes italianos é na verdade um lugar onde o povo negro construiu uma identidade peculiar no famoso bairro paulista ao som de tambores, futebol, batucadas, macumbas e candomblés. Alguns traços dessa ancestralidade que emergiram recentemente ao som das máquinas da obra da futura estação do metrô têm provocado a luta por um passado, que até pouco tempo estava sob a guarda dos sambistas da Escola de Samba Vai-Vai e seus orixás guardiões – Exu e Ogum, que foram despejados daquela encruzilhada, entre as ruas São Vicente, Cardeal Leme e Lourenço Granato, justamente (ou injustamente) no projeto de construção da Linha 6 - Laranja.

A água, a terra, os animais e toda a produção comunitária são elementos indispensáveis de cura, de guarda de energia vital (axé) e de trocas materiais e espirituais, num constante compartilhar entre homens e deuses. O modo de vida dos grupos negro-africanos, principalmente entre os séculos XIX e XX, onde tudo estava interligado - nascimento, vida, morte, corpo e espírito, foi fundamental para que mantivessem através de rituais, batuques e rezas a memória ancestral e a transmissão de saberes e fazeres, que de certo modo garantiu a sobrevivência no lugar.

Das manifestações culturais são marcantes na história do bairro, as rodas de capoeira (tiririca e pernada), as irmandades religiosas, festejos, ritos fúnebres, rodas de samba, cordões carnavalescos, da Escola de Samba Vai-Vai e da Festa de Santa Cruz, que sucumbiu à chegada da Festa de Nossa Senhora Achiropita (Alexandre, 2017), que mais tarde absorveu as celebrações da Pastoral Afro e as missas afros.

No início do século XX eram as festas em louvor à Nossa Senhora do Rosário, da irmandade negra de mesmo nome, que reuniam homens e mulheres pelas ruas do centro da cidade, saídos também da região do Saracura, onde chamava a atenção os elementos tradicionais que eram exibidos nas procissões que rumavam para o largo, onde cantavam e dançavam



ao som de tambores africanos. Pelas ruas o grupo ia deixando garrafas de cachaça e comendo dos quitutes que mulheres negras ofereciam em seus tabuleiros.

Na região da Bixiga também havia terreiros de batuques de umbanda e candomblé. No início da década de 60, um candomblé de tradição omolocô foi invadido pela polícia na Rua Conselheiro Ramalho e atabaques e imagens de santos foram quebradas pelos soldados. Os moradores mais antigos dizem que a denúncia partia geralmente dos vizinhos que reclamavam do barulho. É do famoso samba da década de 80, “Tradição” de Geraldo Filme (1927-1995), cantor e compositor da Vai-Vai, que se eternizam e se renovam as questões urgentes que ocultam uma cidade de origens negras: “O samba não levanta mais poeira/ asfalto hoje cobriu o nosso chão/lembranças eu tenho do Saracura/ saudades eu tenho do nosso cordão/ Bixiga hoje é só arranha céu/ e não se vê mais a luz da lua/ mas o Vai-Vai está firme no pedaço/ é tradição e o samba continua...”.

## Das práticas discursivas do movimento Mobiliza Estação Saracura Vai-Vai

Está sob a sede da Vai-Vai, desalocada para abrigar o canteiro de obras da linha laranja do metrô, um dos fios condutores da história que se pretendeu apagar: “está ali, adormecida e até pouco tempo resguardada pela quadra da Vai-Vai, parte dos nossos saberes, religião e da história da comunidade negra do Bixiga, da qual o próprio Vai-Vai é expressão” (Mobiliza Saracura Vai-Vai, 2022). O Movimento iniciou suas atividades logo do conhecimento dos achados do sítio arqueológico, tendo realizado o seu primeiro grande ato em 02 de julho 2022 na Praça 14 Bis, em frente (Figura 2, terceira imagem).



**Figura 2.** Res(ex)istência negra na Vai-Vai. Fonte: da esquerda para a direita: fotos 1 e 2 do Instituto Bixiga (<https://shre.ink/gGaJ>); foto 3 Mobiliza Saracura Vai-Vai (<https://shre.ink/gGaV>).

É um território de disputa contra a forma de instalação de infraestruturas que não preservam, mas apagam a história inscrita na relação entre espaço, Natureza e produção da vida dos povos que ali ocuparam. A preservação dos achados arqueológicos, a definição do nome da Estação Saracura Vai-Vai no lugar da estação 14 Bis e a luta por projeto de educação popular patrimonial compõem as principais ações, como práticas discursivas deste movimento.

Sob o asfalto da encruza das Ruas São Vicente, Dr. Lourenço Granato e Cardeal Leme, corre o Rio Saracura Açu que se faz presente quase sempre nos períodos de chuvas transbordando das galerias (Figura 3, terceira imagem). Com as chuvas de 06 de março de 2024, o Rio Saracura mostrou mais uma vez sua força nos três pontos de instalação dos canteiros de obras da linha laranja do Metrô: no canteiro de obras da Praça 14 Bis (nas ruas Manoel Dutra e Cardeal Leme); no canteiro da Rua Paim; e, no patrimônio da encosta verde tombada da rua Almirante Marques de Leão, onde está prevista a construção de uma saída de ar da estação (Instagram: @estacaosaracuravaivai).



**Figura 3.** A visibilidade do Rio Saracura na encruza dos achados arqueológicos. Fonte: da esquerda para a direita: primeira e terceira imagem do Instagram. @estacaosaracuravaivai (<https://shre.ink/gGQK> e <https://shre.ink/gG2x>); e segunda elaboração dos autores do Geosampa.

A instalação de infraestruturas de drenagem, de viário e agora de expansão do Metrô, como práticas discursivas hegemônicas, expressam o modo paulistano de urbanização de que “São Paulo não pode parar”. Sob este regime de verdade é que as relações hidrossociais são constituídas e constituintes do governo das águas, segundo a regularidade discursiva do risco de morte pelo não acesso às águas: seja na paisagem, seja na memória negra, seja na precariedade do acesso ao abastecimento de água e ao esgotamento sanitário (Aversa, 2023, p. 188).

## Conclusão

A trajetória hegemônica da constituição do território do Bixiga serviu para construir narrativas que apagaram a existência do Quilombo Saracura e as raízes negras do bairro, que persistem graças as tradições e africanidades que se mantêm tensionando as narrativas hegemônicas.

O movimento Mobiliza Saracura Vai-Vai se organizou para enfrentar as práticas governamentais e do mercado imobiliário, por meio de lutas pela memória negra, que se alinham às lutas pela paisagem e pela cultura que, num processo contínuo de embates históricos, são constituintes do território do Bixiga. Por mais que as infraestruturas e os modos de habitar a cidade de São Paulo apontem para uma forma hegemônica de separação entre ser humano e Natureza, o samba da Vai-Vai, a roda viva do Teatro Oficina, a permanência resiliente dos afrodescendentes no território, os afloramentos de seus Rios por grotas e calçadas, os sagrados achados arqueológicos do Quilombo Saracura, todo um território chamado Bixiga a explicitar os seus discursos: “reparação histórica é direito do povo negro e dever do Estado! Por direito à verdade, à memória e à Justiça” (Mobiliza Saracura Vai-Vai, 2022).

## Referências Bibliográficas

ALEXANDRE, C. R. **Orixás no Terreiro Sagrado do Samba** - Exu e Ogum no Candomblé da Vai-Vai. Rio de Janeiro: Editora Aruanda, 2021.

AVERSA, M. **Governamentalidade liberal conservadora das águas na metropolização de São Paulo**: o risco de morte pelos fluxos das águas como método de análise histórica dos ciclos hidrossociais. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão do Território, São Bernardo do Campo, 2023.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. Boitempo Editorial, 2017.

MOBILIZA SARACURA VAI-VAI. **Manifesto Saracura Vai-Vai**: Sankofa: Metrô no Bixiga é Saracura/Vai-Vai! São Paulo: 2022. Disponível em <<https://shre.ink/g368>> . Acesso em 24 out 24.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

YAMATO, N. M. **Leitura socioambiental da microbacia do córrego Saracura açu, Bixiga, São Paulo/SP**. 2023. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

